

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	1 de 20									

DE POLIGNAC, F.

1984. *Cults, Territory, and the origins of the Greek City-State*. Janet Lloyd (trad.). Chicago, University of Chicago Press, 1995: vii-xiv; 1-10.

[tradução: Elaine F. V. Hirata; revisão Labeca]

Prefácio de Claude Mossé

A publicação, em 1984, do livro de François de Polignac significou um importante ponto de inflexão na análise das origens da forma específica de organização social e política constituída pela cidade-estado grega. Até então, particularmente na historiografia francesa, a emergência da cidade estava relacionada ao desenvolvimento de instituições políticas instaladas no lugar de estruturas “clânicas” baseadas no nascimento e no parentesco. Esta análise estava baseada nas reflexões de Aristóteles na *Política*, na qual, apoiando-se parcialmente nas explanações de Platão na *República*, toma a “necessidade” do homem, sua inabilidade de viver sozinho, como o elemento catalisador na constituição primeiro da família, depois da aldeia e, eventualmente, da cidade. Mas esta análise estava baseada, essencialmente, no “modelo” ateniense e os desenvolvimentos descritos por Aristóteles na *Constituição de Atenas*.

F. de Polignac desconstrói deliberadamente este modelo mostrando, em primeiro lugar, que o exemplo ateniense era relativo e que os historiadores da Grécia precisavam se libertar do discurso ateniense e buscar informações em outro lugar; e que este “outro lugar” poderia ser mais bem revelado pela arqueologia do que pelas repetidas leituras da documentação literária.

E o que poderia um historiador aprender das escavações desenvolvidas não somente na Grécia metropolitana, mas também nas ilhas e no mundo colonial? Estas mostravam que, do final do séc. IX a.C. em diante, a re-ocupação

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	2 de 20									

da terra se fez acompanhar de rápido crescimento demográfico. O aparecimento de numerosos depósitos de oferendas votivas era o mais visível símbolo disto. E, ao contrário do que o esquema tradicional de análise sugeria, não era no centro do espaço urbano da futura cidade que estas oferendas se acumulavam, mas nos limites do território. Atenas, de fato, constituía-se em uma exceção. O segundo e mais longo capítulo do livro era, portanto, dedicado ao estudo destes santuários “extra-urbanos”. Polignac mostrou que estes santuários desempenharam um importante papel, tanto na definição do espaço da cidade quanto promovendo a integração da comunidade cívica e, com base nisto, sugeriu que a cidade era em primeiro lugar uma comunidade religiosa. Sua demonstração, centrada na Grécia metropolitana e nas ilhas foi, então, estendida para o mundo colonial ocidental, ainda que a presença de comunidades indígenas desse aos estabelecimentos de lá características particulares. A conclusão estabelecida por Polignac era que “o que chamamos pólis resultou do progressivo estabelecimento de hierarquias e coesões sociais que tomam a forma de uma busca de uma concordância (um acordo) na escolha de cultos mediadores e das modalidades de participação em seus ritos”. Os cultos mediadores consistiam, em primeiro lugar, daqueles devotados às divindades que protegiam o território, mas também, no centro do espaço urbano, outros que a comunidade devotava aos seus heróis – os fundadores reais ou míticos da cidade. Nos dois pólos do espaço cívico, os santuários extra-urbanos e as tumbas de heróis combinavam-se para confirmar o domínio sobre o território por parte daqueles encarregados de defendê-lo.

A tese de Polignac era atrativa e foi reconhecida como tal. Mas também provocou reservas e críticas de vários especialistas. Para alguns, a ênfase colocada no fator religioso parecia excessiva e o novo “modelo” francês, como foi chamado por alguns, que diminuía o papel do fator político na origem da cidade e defendia a participação dos cultos religiosos na definição da cidadania, apagava as distinções que existiam entre cidadãos e outros habitantes do território cívico.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	3 de 20									

Além disso, alguns trabalhos de arqueólogos, em particular as mais recentes publicações sobre a “Idade Obscura”, colocavam em questão qualquer interpretação geral sobre o “nascimento” ou surgimento da cidade grega. Finalmente, hoje parece que os cultos heróicos não eram tão ligados à redescoberta das tumbas micênicas como se tinha pensado.

Na edição inglesa deste livro, Polignac leva em consideração estas críticas e as novas abordagens. Reconhece que a “Idade obscura” não se constituía em um vazio absoluto, como tinha sido pensado, e que o ritmo da evolução certamente variava de uma região para outra, sendo que algumas conservam antigas estruturas por mais tempo do que outras. Permanece, no entanto, convencido que o século VIII a.C. foi um período de grandes avanços e que os assentamentos estabelecidos, então, prefiguram a estrutura do mundo grego dos períodos tardio arcaico e clássico. É, no entanto, necessário reconhecer que as transformações ocorrem mais lentamente e, em particular, que os santuários extra-urbanos, em alguns casos, continuam a ser usados em comum, por várias comunidades, já que a apropriação de zonas de fronteira foi completada somente em uma data relativamente tardia, por volta do final do período arcaico. Similarmente, oferendas de armas em santuários não ocorrem antes do séc. VII a.C. A origem do templo grego também parece ter sido mais complexa do que se pensava dez anos atrás, quando o modelo em miniatura em terracota encontrado no *Heraion* de Peracora era visto como evidência da existência de templos tão cedo quanto no século VIII a.C. Na realidade, a distinção entre arquitetura doméstica e religiosa não era tão evidente no séc. VIII a.C., quanto tornar-se-á nos sécs. VI e V a.C. Esse é um exemplo revelador da nova visão de Polignac quanto ao surgimento da cidade grega. A cidade poderia ser vista não como uma formação estruturada em Estado, mas mais como “um agente que desenvolveu vários modos de participação em práticas sociais ritualizadas”. Daí, a dificuldade de distinguir, com relação à origem do templo, entre, de um lado

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	4 de 20									

um conjunto de novas criações arquitetônicas e, de outro, edificações derivadas dos “edifícios para banquetes”, onde as refeições rituais da aristocracia eram realizadas em conjunto. O fenômeno da guerra também, em certa medida, provinha dessas práticas ritualizadas e, neste ponto, Polignac leva igualmente em conta a distinção necessária entre as funções “simbólicas e estratégicas” associadas aos santuários extra-urbanos.

Esta abordagem menos estritamente institucional da cidade reflete-se na versão inglesa na forma revisada do último capítulo. Na versão inglesa, uma ênfase muito mais profunda é colocada nas práticas funerárias do final do período geométrico médio, pois estas introduzem novas distinções dentro das aristocracias de várias regiões do mundo grego. O problema que Polignac apresenta é o da transição dos ritos funerários *heroicizantes* ao estabelecimento de cultos. A comparação entre a “tumba real” de Lefkandi e, três séculos depois, a tumba do príncipe de Erétria, neste sentido, é reveladora. Em ambos os casos uma necrópole dinástica foi formada acoplada à tumba do “fundador”, mas só em Erétria aparece um culto heróico, fato que sugere que o estabelecimento aqui era de outra natureza. É, no entanto, importante apontar que o culto em Erétria não era necessariamente um culto “público” desde o início. Novamente, deve-se enfatizar a necessidade de resistir à redução do elemento político, em suas formas arcaicas, no estabelecimento de instituições: os banquetes rituais que eram uma manifestação de culto, ainda que apenas envolvessem um grupo aristocrático mais ou menos ligado aos descendentes do “príncipe”, eram sem dúvida um elemento essencial na definição da cidadania eretriana.

Similarmente, a questão do aparecimento de cultos heróicos nas tumbas micênicas parece ser menos simples do que parecia. Ainda que traços dispersos de culto possam ser encontrados nestas tumbas, em alguns casos eles desaparecem rapidamente do início do século VII a.C. em diante. E ainda onde existe prova da *heroicização* do fundador mítico, sua ligação com uma tumba

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	5 de 20									

antiga não é sistemática. Em várias situações isto foi engendrado mais tarde, como no caso do *Herôon* dos Sete, em Argos.

Polignac também modificou claramente o seu texto original em um número importante de pontos. Permaneceu fiel a uma demonstração que abriu novas perspectivas para a análise das origens da cidade grega. Mas agora introduz novas passagens que levam em conta não só as mais recentes descobertas arqueológicas, mas também outra forma de focar a emergência do sistema político. Seu novo enfoque reflete-se na questão que coloca em sua conclusão: é correto falar da emergência da cidade no século VIII a.C.? A resposta reside, não em uma escolha maniqueísta entre uma ruptura e uma continuidade, mas na verdadeira definição do que se entende por uma cidade no início do período arcaico. Pois, enquanto novas formas de solidariedade acompanhadas pelo desenvolvimento de várias práticas rituais sem dúvida aparecem, estas no início envolvem uma fração muito pequena da sociedade. Por outro lado, a participação nos rituais religiosos tornava possível organizar esta sociedade de novas maneiras e definir uma forma incipiente de cidadania dentro de um espaço que era tanto cívico quanto religioso.

Como se pode ver, o modelo francês nesta nova versão, não só enfrenta a crítica, mas é definido mais claramente em virtude de sua dimensão antropológica e, graças a isto, prepara o caminho para novas perspectivas de pesquisa capazes de levar a uma percepção mais acurada da natureza da cidade grega nos seus primórdios.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	6 de 20									

Prefácio de Polignac à edição inglesa (1995)

Qualquer análise geral que tente dar conta de fenômenos antes analisados isoladamente, corre o risco de elaborar um modelo de interpretação muito rígido, simplificando por demais uma realidade que sempre é mais variada e complexa do que as explicações. Mas uma análise que, além disso, faz um amplo uso também da arqueologia, mais ou menos conscientemente, expõe-se ao perigo de ser contradita por novas descobertas que colocam em questão documentos previamente aceitos. Assim, talvez puramente por sorte, as ideias colocadas a cerca de 10 anos atrás, neste livro sobre as origens dos cultos localizados nos territórios e o papel que tiveram na formação das cidades do período arcaico não foram formalmente contraditas pelas descobertas feitas nas escavações realizadas neste meio tempo. Mas em uma investigação deste tipo, ajustes inevitavelmente se fazem necessários, por envolverem conhecimento e interpretações e, em vista de terem aparecido trabalhos, na década passada, essenciais que corrigem, modificam ou completam o presente estudo. Sua publicação pela University of Chicago Press representa, então, uma excelente oportunidade para integrar os documentos mais recentes e, também, refinar algumas das teorias colocadas anteriormente em minhas análises. Estas teorias eram baseadas em noções que pareciam desnecessárias de serem explicitadas: “cidade” (pólis) e “território” são termos tão familiares a um historiador da Grécia antiga que não pareceram necessárias precauções em usá-los. Por outro lado, apesar de acreditar que várias vezes declarei não me permitir tornar-me prisioneiro de categorias forjadas no contexto da Grécia clássica, tenho que admitir que tais categorias impuseram limites que necessitavam ser ultrapassados para se obter uma visão mais ampla dos problemas.

Assim, o conceito de “território”, no sentido clássico de um espaço definido dentro do qual uma soberania exclusiva era exercida, deve ser usado com

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	7 de 20									

cuidado em relação à Grécia do final do período Geométrico. Neste período, o estabelecimento de fronteiras estritas ao “espaço dos cidadãos” e a elaboração política que isto pressupõe, não estavam tão definidos como nos períodos arcaico tardio e clássico. A formulação de relações entre as várias comunidades em termos estritamente políticos, tais como “confronto” ou “submissão”, “cidadãos” e “estrangeiros”, “dentro” ou “fora” do território é frequentemente tão vaga ou rígida porque foi baseada em conceitos que são anacrônicos para situações que ainda eram fluidas e relativamente não formalizadas. Então, a própria noção de pólis, juntamente com todo cenário institucional que esta noção incorpora no vocabulário de um historiador, deve ser usada com cautela para que não imponha sobre comunidades do Geométrico tardio e Arcaico inicial, modos de pensar oriundos do mundo clássico. Não que possamos seguir a corrente da historiografia, que nega inflexões decisivas nas transformações deste período, vendo a transição da Idade do Bronze tardia para a Grécia das cidades como uma forma regular de evolução tão gradual e progressiva que não apresenta nenhuma daquelas significantes “trincas” que captam o olhar e estimulam o pensamento do historiador. Em resumo, embora possa ser verdade que um abuso de noções relacionadas à imagem de uma “Renascença Grega” possa bem conduzir a uma visão reducionista da Grécia Geométrica, na qual somente o século VIII a.C. poderia ser importante, errar na direção oposta pode ser diluir o mesmo mundo em uma duração tão longa que torna-se a histórica, uma *morne plaine* para a qual apenas os arqueólogos em busca de tipologias ousariam aventurar-se. Ao esforçar-se para mostrar que é possível conceber uma cidade não só exclusivamente do ponto de vista da formação de um Estado, mas também como um agente organizador de vários modos de participação em práticas sociais ritualizadas, este livro espera evitar estas duas ciladas. O leitor deve julgar se isto foi bem sucedido e pode estar certo que os melhoramentos introduzidos nesta edição foram amplamente inspirados pelas sugestões e

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da Cidade-Estado Grega	Mar / 2009
labeca	8 de 20										

críticas gentilmente feitas por colegas e amigos muito numerosos para que sejam citados, embora as suposições e erros que ainda permaneçam sejam apenas o resultado de minha própria negligência.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	9 de 20									

Introdução

A cidade representou a forma principal de organização social da civilização grega do período clássico e tem sido um tema ao qual os historiadores modernos tem dedicado particular atenção. Numerosos estudos, alguns deles altamente influentes, começando com o famoso *Cité Antique* (1864), de Fustel de Coulanges e, seguindo com Gustave Glotz, *Cité Grecque* (1988) (para mencionar apenas a historiografia francesa) tentaram definir a identidade da cidade grega, descrever suas instituições e traçar sua evolução¹.

Entretanto, a despeito do fato de que qualquer conceito de pólis deva ser seguramente derivado das razões e modalidades de sua formação, estas permanecem incertas, tendo sido reconstruídas com base em um conhecimento fragmentário, de natureza essencialmente literária e, mais ainda, largamente dependente de esquemas sugeridos por filósofos da antiguidade, em particular Aristóteles. O nascimento da cidade tem sido apresentado como resultante da desintegração de uma sociedade baseada na solidariedade de caráter privado, dominada por clãs nobres organizados em fraternidades e tribos, e colocada sob a autoridade de uma instituição monárquica que foi progressivamente desmantelada, ao mesmo tempo em que, nos confins do território, uma comunidade baseada na lei pública desenvolveu-se. Esta comunidade teria absorvido todos os grupos pré-cívicos e instituições, e, ao fazer isto, reduziu seus privilégios políticos, jurídicos e econômicos, embora mantendo seus cultos tradicionais mas subordinando-os aos cultos próprios da comunidade, em particular aquele da divindade que era a protetora da cidade.

A construção do templo desta divindade no coração da cidade, na acrópole, que se acreditava ter se constituído previamente na sede do poder real, era

¹ A historiografia da cidade e a pertinência de questões colocadas são analisadas por M. I. Finley em *The Ancient city from Fustel de Coulanges to Weber and Beyond* (1977).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	10 de 20									

considerado o testemunho da transição da soberania humana para a divina². Os atributos da monarquia despedaçada ficaram dispersos dentro do corpo cívico, embora simbolicamente ficassem nas mãos do deus ou da deusa, que tinha se tornado a única autoridade na nova comunidade. Acreditava-se que a cidade desenvolvia-se de uma forma concêntrica, com o território espalhando-se ao redor do “núcleo urbano”, que era o centro da cidade, a prestigiosa acrópole e o templo onde o culto da cidade protegia e expressava a unidade do grupo.

Esta interpretação que vê a pólis nascente como um Estado estabelecido e como resultado do enfraquecimento das distinções usadas para caracterizar uma sociedade clânica ou tribal foi desafiada quando alguns destes conceitos sobre os quais se assentava começam a ser reconsiderados. Estudos voltados para o *génos*, as fraternidades e a tribo mostraram que, longe de se constituírem como a estrutura essencial da sociedade pré-cívica, tais instituições, como as conhecemos, somente estavam plenamente constituídas quando a pólis já estava formada.³ Portanto, não eram vestígios de uma época passada mas, ao contrário, constituíam os meios indispensáveis de expressar coesão e filiação que uniam os cidadãos.

Além disso, tanto a esmerada reconstituição do afastamento da monarquia quanto a imagem de uma cidade centrada em sua acrópole são claramente evocativas de Atenas, o protótipo e modelo de uma cidade grega aos olhos dos atenienses do período clássico, de alguns especialistas modernos e também do

2 Victor Ehrenberg é o autor da afirmativa muito citada: *O próprio deus toma o lugar do rei*. Isto aparece em Bérard e Altherr-Charon, *Érétrie* 1981: 237, e em Nenci, *Sapzio cívico* 1979: 464 em relação à *città monocentrica*.

3 Bourriot, *Recherches sur le génos* (1974); Rousset, *Tribu et cité* (1976). Algumas *géné* estavam ainda florescendo nas mais tardias fases da história da cidade. O que parece mais provavelmente ter existido na *época obscura* é o grupo tribal de natureza relativamente mais indefinida do qual o *éthnos* de período clássico pode ter derivado (Snodgrass, *Archaic Greece* 1981: 5-28 e 42). Foi no século VIII que grupos de túmulos que eram provavelmente de uma única família começam a aparecer, sugerindo que os laços de parentesco entre a aristocracia estavam sendo estreitados (Hägg, *Burial Customs*, 1983: 28-29 [Argos]; mas ainda na Atenas do período clássico, o círculo de solidariedade funerária era muito mais restrito do que se imagina que tenha sido um *génos*: ver Humphreys, *Family Tombs* (1980).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	11 de 20									

que Aristóteles tinha a dizer sobre Atenas⁴. Poderíamos realmente aceitar este modelo ateniense sem reservas, quando ele vem a considerar a gênese da pólis grega em geral? E podemos realmente ler os textos dos filósofos relatando os primeiros tempos da cidade como se fossem cômputos históricos transparentes ou interpretações contemporâneas da situação? O que torna tudo isto necessário de ser questionado é o fato de que, para descrever e explicar as origens da cidade, os textos literários empregam uma terminologia e conceituações elaboradas a partir do resultado “final” do fenômeno que se dispõem a analisar. Esta terminologia e conceitos são limitados pelo sentido que lhes é atribuído por aqueles que estavam examinando a cidade do período clássico, cidade à qual estavam mais ou menos adaptados. Além de constituírem referências familiares “prontas para o uso”, as noções de cidade e de cidadão podem, pelo contrário, ser entendidas somente depois da natureza da formação social que lhes deu origem ter sido elucidada. Devemos fazer um esforço para esquecer a imagem institucional da cidade grega se vamos buscar entender a verdadeira natureza de um fenômeno histórico ainda a ser definido. Para responder a estas questões e fazer progressos em uma investigação sobre a formação da cidade devemos colocar de lado as teorias elaboradas no passado e adotar um meio diferente de proceder, pois aí teremos a chance de lançar luz verdadeira sobre um fenômeno, considerando-o de um novo ângulo.

Este é o objetivo do presente estudo. O período ao qual é devotado – do final do século IX a.C ao início do VII a.C, isto é, do final do período chamado “Geométrico” e as primeiras décadas do Arcaico – é o momento em que o mundo grego adquiriu o que seriam as formas essenciais de sua civilização “clássica”. Isto ocorreu no curso de uma série de avanços concomitantes: o reaparecimento da escrita, um uso crescentemente regular e generalizado de rotas marítimas e comércio a longa distância, até então limitado aos pioneiros do Levante,

4 Sobre a elaboração do modelo ateniense v. Loraux, *Invention of Athens* (1986).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	12 de 20									

em particular fenícios e eubóicos, renascimento da arquitetura monumental, emergência das cidades históricas do mundo greco-egeu e as fundações coloniais do sul da Itália e da Sicília. Nosso conhecimento deste período cresceu muito graças ao refinamento das técnicas arqueológicas e uma consequente riqueza de nova documentação. O século VIII a.C. é agora reconhecido por ter sido um período crítico de crescimento social e, deste, o aspecto demográfico tem sido o primeiro a ser bem documentado⁵.

A Grécia parece ter passado por um pronunciado declínio populacional na época em que a civilização micênica desapareceu. As lutas violentas, das quais foram encontrados vestígios, as migrações que se seguiram, e o colapso ou gradual declínio do sistema palacial, do qual vários setores da economia dependiam, não somente nos domínios do comércio de larga-escala e do artesanato, mas também da agricultura, e levaram a uma recessão acompanhada pelo declínio da população. Sabe-se que no século XIII a.C., 320 sítios eram ocupados, enquanto somente 120, 40 e 100 teriam sido ocupados nos séculos XII, XI e X a.C., respectivamente⁶. Ainda que se leve em conta os acasos e as lacunas da escavação arqueológica, as tendências sugeridas por estes dados são suficientemente claras. Os gregos das “Dark Ages”, aparentemente, viviam em grupos menores e mais pobres ocupando somente uma porção limitada do espaço disponível.

Em contraste, dois fatos parecem testemunhar o rápido crescimento da população no século VIII a.C.: o número de sítios conhecidos cresce (110 no séc. IX a.C., 220 no VIII a.C.); e cada um aparece mais densamente ocupado, como pode ser deduzido de seus maiores espaços de enterramento. Um exame dos enterramentos descobertos na Ática torna possível calcular o número médio

5 Em particular por Anthony Snodgrass, *Dark Age* (1971); *Archaeology* (1977); *Archaic Greece* (1981) e Nicholas Coldstream, *Geometric Greece* (1977), conclusão. As imagens fornecidas por estes dois autores, que eu tenho repetido aqui, necessitam ser revistas tendo em vista as descobertas recentes.

6 Snodgrass, *Dark Age* (1971: 364); *Archaic Greece* (1981: 20-24); Coldstream, *Geometric Greece* (1977: 357).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	13 de 20									

de enterramentos por *geração teórica* em cada período das “Dark Ages”: menos que 30 para cada ciclo de 30 anos, no século IX a.C, (Geométrico Antigo e Médio I); por volta de 45 no primeiro terço do séc. VIII a.C, (Geométrico Médio III); 150 para o último terço (Geométrico Tardio II)⁷. Ainda que se observe fatores de correção (tais como a destruição de antigos espaços de enterramento por outros mais recentes) estes dados parecem indicar um incremento populacional com a pacificação ocorrida no período precedente. Uma hipótese para explicar isto seria a mudança nas práticas agrícolas: as atividades essencialmente pastoris, em áreas extensas, que representam um equilíbrio precário entre poucos recursos e pequenas populações, possivelmente nômades, gradualmente vão dando espaço a práticas agrícolas mais intensivas⁸. A mudança, no início imperceptível, parece ter elevado a balança no final do século IX a.C., permitindo a ocorrência do crescimento demográfico. Este crescimento, por sua vez, acredita-se que teria desencadeado a transformação de antigas pastagens em terras aráveis criando, então, um ciclo de crescimento que “se auto-alimentava”. A crescente diversidade e o número de objetos depositados em tumbas e áreas de culto são igualmente interpretadas como testemunhos do incremento dos recursos, que também é detectável no progresso das atividades artesanais e na importação de objetos preciosos do Oriente Médio.

No entanto, este quadro necessita ser modificado. Em primeiro lugar, a ideia de uma explosão demográfica espetacular tem sido questionada por um certo número de estudos, em particular por Ian Morris, que chamou a atenção sobre as falhas de uma análise exclusivamente quantitativa da documentação arqueológica e que sugeriu diferentes interpretações: as variações observadas no número e densidade das necrópoles áticas teriam sido provavelmente ocasionadas, em uma extensão difícil de determinar, por uma evolução

⁷ Tenho simplificado a documentação fornecida por Snodgrass, *Archaeology* (1977: 10-11).

⁸ Ibid. p. 15. Ver também J. Sarkady, *Development of Greek Society* (1975).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	14 de 20									

nas práticas funerárias e na visibilidade arqueológica que resultou dessas mudanças.⁹ Além disso, o crescente número de descobertas feitas recentemente mostram que a época chamada “Dark Ages” não foi uniformemente “Dark” em todos os lugares, especialmente em regiões que, tanto por sua própria iniciativa ou pela mediação de marinheiros cipriotas ou levantinos mantiveram ou cedo restabeleceram contatos com Chipre e o Oriente Próximo. As escavações em Lefkandi, na Eubeia, também revelaram um mundo que não corresponde exatamente à imagem de uma Grécia tão radicalmente empobrecida, isolada e reduzida a um estado tão primitivo como se imaginava há 20 anos atrás¹⁰. Notáveis diferenças regionais então caracterizam o mundo grego no início da Idade do Ferro, diferenças que, na maioria, favorecem a costa egeia e as ilhas.

A crise de crescimento no mundo grego nos últimos anos do Período Geométrico não pode, portanto, ser considerada como uma superpopulação acidental, em que um nível de recursos estável e limitado tenha sido automaticamente excedido por um excesso demográfico, que o movimento de colonização, então, progressivamente absorveu. Certamente, o espaço limitado disponível de terras distinguiu algumas áreas – como as regiões montanhosas (Peloponeso, Lócris) e as ilhas, de onde tantas expedições coloniais partiram – dos mais largos ou mais férteis territórios, onde a colonização interna pode ter sido suficiente para absorver os números extras de habitantes (Ática, Beócia, Tessália)¹¹. Mas o movimento de colonização começou nas regiões que foram as primeiras a engajar-se em comércio marítimo e na questão de busca por novos recursos, particularmente por meio da mineração, para prover de bronze a produção metalúrgica. Certamente, não é por acaso que os eubeus, ainda

9 Morris, *Burial and Ancient Society* (1987).

10 Popham, Sackett and Themelis, *Lefkandi I* (1979-80); Popham, Calligas and Sackett, *Lefkandi II* (1990); e Popham, Touloupa and Sackett, *Further Excavations* (1982). O impacto sobre a Grécia Geométrica de relações com o mundo Cipro-Levantino e o Mediterrâneo Ocidental é o tema dos estudos coletados in Kopcke e Tokumaru, *Greece between East and West* (1992).

11 Na Ática, o repovoamento da *khóra* parece ter envolvido mais gente do que a expansão da Atenas urbana: Snodgrass, *Archaeology* (1977:13). Na Beócia, a propriedade do pai de Hesíodo em Ascrea é um exemplo bem conhecido.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	15 de 20									

que não tenham estabelecido um verdadeiro posto de comércio em Al-Mina, na Síria, tenham sido os primeiros a viajar para o Mediterrâneo Ocidental, sem dúvida seguindo na esteira dos fenícios, no mais tardar, no início do século VIII a.C., povoando as costas da Itália e da Sicília; os coríntios, que tinham visitado o Adriático (Epiro, Otranto) desde o mesmo período, fizeram o mesmo nesta região, uma geração depois. Por ter sido claramente um período de exploração e expansão, o século VIII a.C. testemunhou a abertura de novas oportunidades e a introdução de novas tensões, que estariam na origem da própria estrutura da sociedade grega no período Geométrico.

Esta era uma sociedade dominada por uma aristocracia guerreira, estabelecida ao redor dos basileus, líderes não de *génos*, mas de *oïkoi*, casas ou domínios similares ao de Ítaca, descrito na Odisséia¹². O *oïkos* nobre era composto da família imediata do basileu, seus companheiros, agregados (dependentes) e servos (distintos uns dos outros pelo grau de dependência), seus rebanhos e tesouro. Este último consistia em “estoques” de bronzes ricamente trabalhados que capacitam o proprietário, por meio da troca de presentes, a manter os laços de hospitalidade e a rede de parentesco e alianças, via casamentos, que constituem as bases de seu poder e prestígio, assim como o seu valor pessoal e sua riqueza, sob a forma de animais domesticados. Qualquer que seja a área devotada ao cultivo de cereais nesses domínios¹³, do século XI a.C. em diante, instaura-se grande rivalidade pelo controle das terras, tanto aquelas de posse de longa data ou recentemente adquiridas, trapaceiam-se as terras pela necessidade

12 Embora isto dê uma visão super coerente do Mundo Homérico (cf. Snodgrass, *An Historical Homeric Society* [1974]), a análise de Finley, *O mundo de Ulisses* (1977), é mais iluminadora neste ponto. Traduzir basileu como um rei é arriscar-se a introduzir uma confusão total: estes senhores de *oïkoi*, os líderes do grupo guerreiro, eram reis somente da mesma maneira que qualquer homem que fosse *primus inter pares* e que dominava o grupo por causa de seu valor, riqueza e relacionamentos.

V. as observações de Mossé em *Ithaque* (1980: 12-15, 18), e Quiller, *Homeric Society* (1981), sobre os fatores de desintegração e instabilidade subjacentes ao poder Homérico.

13 Ilustrado, de acordo com Snodgrass (*Archaeology* (1977: 15); e *Archaic Greece*, (1981: 36) pela deposição de modelos em terracota de um novo tipo de celeiro nas tumbas mais ricas de Atenas, de aprox. 850 em diante.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	16 de 20									

de aumentar a criação de dois tipos de animais: o gado, que permaneceu um símbolo de prosperidade até o tempo dos poetas do período arcaico; e os cavalos, símbolo distintivo de status da nobreza guerreira e absolutamente indispensáveis àquele que buscasse manifestar seu “rank” (status) em atividades agonísticas, militares e por meio de exposições cerimoniais.

Similarmente, as expedições navais e o comércio a longa distância – longe de se constituir na atividade específica de um grupo de mercadores que, por meio deles, tinha descoberto sua própria autonomia e uma nova fonte de riqueza e influência – eram, muito frequentemente, iniciados pela própria aristocracia guerreira, que em algumas situações, tinha alguns de seus membros tomando uma parte ativa neles.¹⁴ As várias oportunidades oferecidas aos gregos pela ampliação de seus horizontes, as novas fontes de riqueza e influência que eles podem promover nas cidades mais empreendedoras ajudaram a acentuar fenômenos de rivalidade acerca de prestígio e poder, particularmente na aristocracia, em que encontramos, já no século VIII a.C., grupos emergentes que se distinguem pela crescente opulência e adoção de novos símbolos de status¹⁵.

O acesso a novos recursos, os conflitos sobre sua apropriação e as tensões na própria nobreza eram as características peculiares à vaga de crescimento experimentado pelo mundo grego-egeu no final do Geométrico e o contexto dentro do qual surgiu, como um agente histórico, a forma de comunidade que nós costumemente chamamos a “cidade”, a pólis, sem nenhuma ideia clara do que o termo realmente denota naquela data. Agora, as mudanças que são percebidas em outro domínio, o da vida religiosa, podem aparecer para lançar alguma luz sobre a emergência da pólis. No século VIII a.C., mudanças profundas e permanentes afetaram os conceitos e as práticas religiosas gregas. Novos tipos de oferendas aparecem, ao mesmo tempo que sítios de culto multiplicam-

¹⁴ As formas de participação aristocrática no comércio marítimo têm sido objeto de debate entre Mele, *Commercio Greco Arcaico* (1979) e Bravo, *Commerce et Noblesse* (1984:99-161), um artigo que também discute o problema crucial de conceitos como *nobreza e aristocracia*.

¹⁵ V. Por exemplo Hägg, *Burial Customs*, (1983: 27-31), sobre a Argólida.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	17 de 20									

se, alguns desses sítios adquirem uma importância especial com a construção de edifícios monumentais que vem a representar um modelo particular de espaço sagrado, a saber, o santuário grego. Podemos ter, então, uma ideia da evolução das atitudes religiosas, evolução esta que dois fatores essenciais tornam explícitas, e colocam no centro do processo de formação da pólis: a popularidade de santuários localizados fora dos principais centros populacionais e a emergência do culto aos heróis.

O papel desempenhado na cidade pelos cultos geralmente conhecidos como extra-urbanos e os cultos heróicos é um problema que tem estado presente nos trabalhos voltados às cidades coloniais da Itália e Sicília, mas somente dentro da estrutura colonial. Tais cultos têm sido, em consequência, tratados como uma peculiaridade puramente local e sem referências ao mundo Greco-Egeu, onde não têm sido objeto de estudo sistemático¹⁶. Uma investigação que pudesse associar o velho e o novo mundo me parece frutífera, não somente pelo enriquecimento de nossa documentação, mas também em virtude dos avanços potenciais pela adoção de um método novo.

Meu procedimento, então, tomará, primeiro, a forma de uma investigação arqueológica para descobrir a natureza e o escopo das mudanças que afetaram o comportamento religioso dos gregos em regiões onde eles estavam há muito estabelecidos e também mostrando como santuários maiores apareceram localizados fora do território ou nas margens das principais habitações que se transformariam nos futuros centros urbanos. À luz destes dados e das características do século VIII a.C., esboçadas acima, os mitos e rituais associados a estes santuários, as lendas e os eventos conectados com os mais antigos dias na história das cidades gregas revelarão como a pólis foi estabelecida, por meio, de um lado, da definição religiosa de uma nova representação do

¹⁶ Exceto, recentemente, sobre o tema dos heróis. Estudos mais antigos consistem, em muitos casos, de tipologias que nada mais são do que uma observação superficial das relações entre o herói e a cidade.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da Cidade-Estado Grega	Mar / 2009
<table border="1"> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> </table>					18 de 20						

espaço – a cidade território – e de outro, a elaboração de uma nova comunidade cívica, graças aos rituais de integração social: tanto um quanto outro desses fatores, vistos como mudanças conectadas com o desenvolvimento de cultos não urbanos. As conclusões desta investigação tornarão possível apresentar o caso das fundações coloniais de um novo ângulo e, olhando além das variantes produzidas pela interação de fatores puramente locais e circunstanciais, projetar certas características fundamentais na emergência da cidade grega em geral. Finalmente, uma análise dos cultos heróicos florescentes na mesma época e de sua importância neste contexto, irá completar e refinar nossos conhecimentos de como, por meio da orientação da vida religiosa pública, foi possível elaborar uma forma de sociedade cujas forças e fraquezas a civilização grega apresentou com consequências de tão longo alcance.

Bibliografia citada no texto

BÉRARD, C. e ALTHERR-CHARON, A.

1981. Érétrie : L'organisation de l'espace et la formation d'une cité grecque, in Schnapp, A. (ed.): *L'Archéologie aujourd'hui*. Paris, Editions La Découverte: 229-249.

BOURRIOT, F.

1976. *Recherches sur le génois; Étude d'histoire sociale athénienne*. Paris, *Périodes Archaique et Classique*. Lille: Université Lille.

BRAVO, B.

1984. Commerce et Noblesse en Grèce archaïque. *DHA* 10, 99-161.

COLDSTREAM, N.

1977. *Geometric Greece*. Cambridge, Cambridge University Press.

FINLEY, M. I.

1977. The Ancient city from Fustel de Coulanges to Max Weber and Beyond. In: *Comparative Studies in Society and History* 19: 305-27.

	Cultos, Território e as Origens da	Mar / 2009
labeca	Cidade-Estado Grega	19 de 20

FINLEY, M.I

1977. *The world of Odysseus*. Londres : Chatto and Windus, Londres.

HÄGG, R.

1983. Burial Customs and Social Differentiation in Eight-Century Argos. In: Hägg, R. (ed.): *The Greek Renaissance or the Eighth Century B.C.: Tradition and Innovation*. Proceedings of the First International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1981. Stockholm: 27-31.

HUMPHREYS, S. C.

1980. Family Tombs and Tomb Cult in Ancient Athens, *JHS* 100: 96-126.

KOPCKE, G. e TAKUMARU, I

1992. *Greece between East and West. 10th- 8th Centuries B.C.* Papers delivered at a meeting of the Institute of Fine Arts, New York University, 1990. Mainz.

LORAU, N.

1986. *The Invention of Athens: The funeral Oration in the Classical City*. Cambridge, Harvard University Press.

MELE, A.

1979. *Il Commercio Greco Arcaico*. Cahiers Du Centre J. Berard 4, Nápoles.

MORRIS, I.

1987. *Burial and Ancient Society: The Rise of the Greek City-State*. Cambridge, Cambridge University Press.

NENCI, G.

1979. *Spazio cívico, spazio religioso, e spazio catastale nella polis*. Ann. Pisa, ser. 3 ,9: 459-77.

POPHAM, M.R, SACKETT, L.H, THEMELIS, P.G.

1979-80. *Lefkandi I: The Iron Age. The settlement and Cemeteries*. BSA Suppl. Vol 11, Londres.

POPHAM, M.R., CALLIGAS, L.H e SACKETT, L.H

1990. *Lefkandi II: The Protogeometric Building at Toumba*. The Pottery, BSA Suppl. Vol 1. Londres, Oxford.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Cultos, Território e as Origens da Cidade-Estado Grega	Mar / 2009
<table border="1"> <tr><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td></tr> </table>					20 de 20						

labeca

POPHAM, M.R, TOULOUPA, E e SACKETT, L.H

1982. *Further Excavations of the Toumba Cemetery*, 1981, BSA 77:213-48.

ROUSSEL, D.

1976. *Tribu et cité*. Paris, Les Belles Lettes

SARKADY, J.

1985. *Outlines of the Development of the Greek Society (12th-8th Cent.)*. Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae 23:107-25.

SNODGRASS, A.

1971. *The Dark Age of Greece*. Londres, Routledge.

SNODGRASS, A.

1977. *Archaeology and the Rise of Greek State*. Cambridge, Cambridge University Press.

SNODGRASS, A.

1981. *Archaic Greece: The Age of Experiment*. Demand, University of California Press.

SNODGRASS, A.

1974. *An Historical Homeric Society?* JHS 94: 114-25.